

REDES SOCIAIS E MANIFESTAÇÕES SOBRE O FEMINISMO

Maria Oliveira Gomes¹

Resumo O presente estudo parte da inquietação diante da massiva manifestação em relação ao Feminismo nas redes sociais nas quais foi possível observar discursos equivocados sobre o tema, desta forma este artigo tem por objetivo analisar de que forma o Feminismo vem sendo discutido na rede social Facebook, tomando como objeto de análise discussão de 4 perfis de Breves-PA em relação ao que acreditam representar o movimento feminista e relacionando seus entendimentos com o que defendem os autores utilizados de suporte teórico desta pesquisa cuja metodologia adotada é de cunho exploratório

Palavras-chave: Feminismo; Desigualdade de Gênero; Rede Social.

Abstract

The present study starts from the restlessness before the massive manifestation about the feminism in the social networks in which it was possible to observe misleading discourses on the subject, so this article aims to analyze how Feminism has been discussed in the social network Facebook, taking as object of analysis a discussion of 4 profiles of Breves-PA in relation to what they believe represent the feminist movement and relating their understandings to what the authors of theoretical support of this research advocate, whose methodology adopted is of an exploratory nature.

Keywords: Feminism, Gender Inequality, Social Networking.

I. INTRODUÇÃO

É desconfortante para nós estudiosos da área visualizarmos cotidianamente as manifestações equivocadas sobre o movimento feminista nas redes sociais e os discursos de ódio que se estabelece contra nossas lutas que acabam por distorcer de forma absurda a real perspectiva, como se ao invés de igualdades de gênero a proposta fosse a busca por privilégios ou a inversão das posição de dominação.

¹ Bacharela em Serviço Social, UFPA-Breves.
Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade.

As pesquisas não podem estar aquém desse processo, pois há que se considerar estamos falando de reproduções de pensamento em caráter mundial, que estas têm uma força de influência inimaginável e que podem ser extremamente positivas para um movimento, assim como destrutivas. Então, nada mais pertinente, do que divulgarmos de forma devidamente fundamentada, o quê, pra quê e por que feminismo.

Desta forma, o presente artigo se propõe a instigar a reflexão sobre o entendimento da nossa geração atual sobre o feminismo, tomando como recorte publicações na rede social Facebook e os impactos ou contribuições que estas impõe sobre as formas de lutas, analisando os discursos que têm se manifestado sobre o feminismo e relacionando-os com o que defendem teóricos e estudiosos da área para então problematiza-las.

Esta inquietação surgiu a partir da observação de publicações compartilhadas por pessoas físicas da rede social Facebook, habitantes da cidade de Breves-PA. As quais discutem com frequência em suas postagens temas relacionados ao feminismo. Além disso, também foi observado a reação de seus seguidores ou não seguidores em diálogos que se estabeleciam em relação aos temas discutidos.

Desta forma a amostra desta pesquisa traz o recorte da publicação de um desses perfis, na qual foram analisadas a opinião de 3 seguidores deste perfil em relação a publicação que se dava em torno do que seria o feminismo. O que permitiu analisar qual o entendimento dos titulares dessas 4 perfis sobre o feminismo, os pontos positivos e negativos que destacam quanto a discutir o feminismo e questões de gênero em rede social. Além disso a titular do perfil por meio do qual a postagem discutida foi publicada, foi entrevistada em relação ao que pretendia expressar através da mensagem que publicou.

Além disso, buscou-se analisar as informações a partir de uma perspectiva qualitativa “ao se considerar como objeto do estudo do cientista social a variabilidade do comportamento e dos estados subjetivos, isto é, pensamentos, sentimentos, atitudes”. (GUNTHER, 2006).

Em relação a metodologia optou-se pela pesquisa de cunho exploratório que Segundo Minayo (2001) a pesquisa exploratória se trata de um momento onde se define o objeto de estudo, onde começamos a desenvolvê-lo teórico metodologicamente.

A partir de então devemos nos direcionar a construir hipóteses e bases instrumentais para alcançar as informações necessárias e ainda planejar o tempo para realização do procedimento exploratório e a escolha do espaço e da amostra qualitativa.

Assim, um dos caminhos metodológicos iniciais será a pesquisa exploratória e utilizando desses os instrumentos o presente estudo se propôs a fazer uma análise do entendimento que tem se manifestado em relação ao feminismo em rede social, desafios e potencialidades para a discussão do tema nesse espaço de acesso mundial que pode tanto

contribuir, quanto prejudicar o movimento feminista devido a más interpretações, ou colocações equivocadas em relação a temática.

II. Desigualdade de Gênero e Feminismo.

Antes de iniciarmos qualquer discussão que envolva as questões de gênero (feminino) e principalmente antes de tocarmos no foco da pesquisa que é o feminismo, é primordial discutir e situar a condição privilegiada que a categoria homem mantém sobre a mulher ao decorrer da história da humanidade, pra que seja possível a compreensão da luta feminista pela igualdade de gênero. Para tanto o presente estudo toma por base a produção de Oliveira (2009), “ A figura feminina e masculina através dos tempos”. Essa obra faz uma abordagem histórica a qual será discutida nesse tópico.

Oliveira (2009) parte da concepção religiosa do ser Homem e ser Mulher, por entender que esta tem influência considerável no entendimento dos “papéis de gênero” e ainda pelo fato de que o Brasil teve influência da Igreja Católica nas relações sociais desde o período colonial. A criação humana, na forma defendida pela igreja entende que Deus depois de ter criado o universo, percebeu que a terra estava desorganizada e precisava criar um ser que dominaria tudo, nesse contexto surgiria então Adão, o primeiro homem da história. Segundo esta teoria, o Criador teria entendido que Adão era um ser solitário, então resolveu criar a mulher, que o faria companhia. Para isso escolheu uma parte casta do corpo, a costela. Logo após, criou habilidades e distribuiu entre o Homem e a Mulher, para que estes se completassem, o primeiro seria dotado de mais força física, a quem atribuiu habilidades sobre as questões espaciais como a geometria dos objetos; já a mulher seria atribuída a alta habilidade de socialização e verbalização.

A capacidade cognitiva, a semântica, a consciência, a articulação entre conceitos e fatos foi igualmente distribuída para os dois. Nessa época não havia classes, a escrita não havia sido inventada, não havia crimes nem prisões, se vivia a plena justiça social e todos viviam como irmãos.

No período Paleolítico, momento em que o planeta já estava povoado pelos descendentes de Adão e Eva, a mulher se tornara foco da organização social, isso em virtude da procriação, considerada deusa pela possibilidade de gerar outros seres humanos, embora hoje se saiba que esta não engravida sozinha, mesmo assim, nessa época as mulheres usufruíam dos mesmos direitos dos homens.

Em seguida, a autora aponta um período que considera como marcante na história, o Período Neolítico, visto que nesse momento já é possível identificar formas de depreciação da imagem feminina. Ocorre que se abandona a caça e os homens passam a domesticar a animais, e através da observação das crias identificaram o papel do macho na reprodução.

Segundo a autora, não é possível indicar uma data exata, mas explicita que é nesse período que começam a predominar os valores masculinos e a política do patriarcado. As mulheres passaram a ser consideradas meras reprodutoras, não tinham o direito de manifestar opinião, tidas como propriedade dos homens.

Na idade Média a Igreja Católica atinge grande quantidade de fiéis e passa a reproduzir ideologias que vieram a impactar diretamente na inferiorização do feminino. Em discursos afirmava-se que apenas o Homem teria sido feito à imagem e semelhança de Deus e a Mulher seria um ser secundário, e ainda esta seria a suposta culpada pela expulsão do Homem do paraíso. Nesse momento da história foram cometidos vários crimes contra as mulheres. Aquelas que detinham algum conhecimento medicinal e se utilizavam ervas para a cura de determinadas enfermidades, foram consideradas feiticeiras, situação na qual muitas foram assassinadas cruelmente pela igreja, consideradas hereges, queimadas vivas em grandes fogueiras em praças públicas.

Com surgimento da Idade Moderna e junto a ela o Humanismo, emergiu como uma possibilidade da mulher de libertação da inferiorização colocada pela igreja na perspectiva da criação (Homem criado a semelhança de Deus, Mulher ser secundário), pois o Homem deixa de ser unicamente subordinado às ideologias da religião e começa a ser responsável por si.

No século XVI em meio ao Iluminismo, surge a imagem da mulher enaltecida. Porém no século XVIII isso ainda não significaria algo considerável para a libertação feminina, pois a mulher não era considerada um ser que existia pra si mesma, mas sua existência estaria subordinada mais uma vez ao homem, o motivo de sua existência seria a mera subserviência ao homem na figura do marido, aos afazeres domésticos e a educação e cuidados com os filhos.

Enquanto se vivia a imposição da vivência da mulher predominantemente em âmbito doméstico, ao homem coube trabalhar fora, o que os possibilitou o privilégio de desenvolverem suas potencialidades intelectuais, tornando-os agentes da história, o que é algo bastante significativo, pois isso permitiu a eles nada menos que decidir os rumos da humanidade. Considerando esses pressupostos não é a toa que tanto na história como nas ciências e também em demais áreas, as mulheres pouco são citadas como percussoras de algo de efeito digno de reconhecimento, não por inferioridade intelectual, mas pela inegável condição privilegiada para o desenvolvimento cognitivo da qual os homens gozaram e ainda gozam.

Este é apenas uma das situações que a cultura do patriarcado tem submetido a mulher, ocorre que esta posição de submissão também tem contribuído até os dias atuais para a violência de gênero nas sua diversas expressões, como a violência sexual, a

violência psicológica, a discriminação entre outras formas de violação, conforme esclarece Saffioti (2001).

No exercício da função do patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas. Recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos dos prescritos pelas normas sociais, a execução do projeto dominação-exploração da categoria **homem** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas aos ditames do patriarca, tendo este a necessidade de fazer o uso da violência (SAFFIOTI, 2001, p.115). Grifo do autor.

Segundo Saffioti (2001) é essa naturalização que introduz na sociedade uma tolerância para a violação da mulher e não punição do agressor, já que o desvio seria a mulher, que deve se adaptar as exigências da sociedade patriarcal em favor do homem, justificando sua punição (a violência de gênero) caso essa não responda conforme anseios do patriarca.

Haveria de chegar um momento em que as mulheres se manifestariam contra todas as formas de opressão, eis que a década de 60 é destacada por varias autoras como momento marcante da luta pela igualdade de direitos, por exigir o poder de decidirem seus próprios destinos, Oliveira (2009) assim como Guedes (1995) indicam a década de 60 marco da união das mulheres pela libertação, marcada pelos movimentos que juntos constituem o Feminismo, lutas para reconhecimento da mulher não mais como mera reprodutora, pela participação da mulher na história, pelo repúdio a qualquer forma de violência, pelo acesso aos postos de trabalho, pela liderança, pelo acesso aos espaços políticos, pela vivência digna nos espaços privados, entre outras bandeiras de luta.

. Na década de 70 o movimento toma força, com a abertura política que permitiu que houvessem discussões sobre a condição das mulheres que antes se quer eram ouvidas no âmbito político. Essas manifestações refletiram adiante quando já na década de 80 a 85, pois se caminhara nesse momento para o reconhecimento da importância das mulheres na participação politica, no sindicatos, nas instituições públicas, esses debates tomavam força tanto na academia, quanto dentro dos próprios movimentos.

Farah (2004) também atribui destaque ao período de 1985 a 1988, visto que emergiram as novas demandas do movimento feminista, a necessidade do reconhecimento da identidade feminina, de uma forma que sua existência não mais fosse subordinada ao homem, é nesse momento que se inicia o uso do termo gênero, o que é mais que uma mera mudança de termo, pois surge para que possamos discutir homem e mulher a partir da relação social dos sexos, que permite sair do determinismo biológico que carrega o termo “diferença sexual”, pois as relações sociais são marcadas pela relação de poder,

submetendo a mulher a uma condição de ser que deve ser dominado, o que se estende tanto nos espaços públicos, quanto privados.

A autora explicita o movimento feminista em meio a democratização do Estado no período pós ditadura, contribuiu de forma significativa, visto que as manifestações das entidades feministas começaram a ser consideradas para a constituição de políticas de enfrentamento á violência e políticas de saúde, primeiros passos que não permitem negar a importância do impacto social dos movimentos feministas para a garantia da vivência digna das mulheres na perspectiva de igualdade.

No cenário atual brasileiro, podemos agora identificar uma clara visibilidade da questão de gênero feminino no âmbito das políticas públicas, com a conquista de vários instrumentos legais que aos poucos reconhecem a necessidade de trabalhar do exercício da cidadania, o acesso ao direito, a participação política e social da mulher. Atualmente legitimados temos o Plano Nacional de Políticas para as mulheres –PNPM/2006, a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), e se debruça para a prevenção, enfrentamento e assistência às mulheres em situação de violência,. foi conquistada também a Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher- PNAISM/2013, desta forma passam a ser trabalhadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS por exigência do próprio Ministério da Saúde - MS, ações de assistência à mulher vítima de violência doméstica, detecção e tratamento do câncer do colo do útero, direitos sexuais e reprodutivos, que visassem a atenção e promoção dos direitos que nesse seguimento são demandas específicas do público feminino.

O que não se pode desconsiderar é que dizer o que é feminismo, não é algo definitivo, pois esse movimento que tomou força nos anos 60 se amplificou, tanto que hoje se tora mais coerente utilizarmos a expressão “Feminismos”, assim mesmo no plural conforme explicita Ferreira (2015).

Segundo a mesma, na sociedade atual brasileira predominante na sociedade brasileiro, o feminismo negro, o feminismo inteseccional e o feminismo radical, além destes entendem que também podemos considerar o Feminismo Liberal, o qual temos importado dos Estados unidos, e entende que as redes sociais tem papel de grande peso nesse relacionamento, que este redimensionamento do movimento feminista se metamorfoseia juntamente complexidade da categoria, visto que dentro da categoria mulher também existem subgrupos e suas especificidades.

Desta forma existem ponto incomuns entre essas vertentes, porém é necessário entender os aspectos que não se coadunam. O feminismo negro, que toma força em meio aos anos 80, surge pela necessidades que as mulheres negras sentiram de expressar demandas que não eram comtempladas nos “outros feminismos”. Este inclui pautas como o

genocídio da juventude negra, o índices de feminicídio de mulheres negras, a valorização da religião matriz africana entre outras.

O Feminismo radical, corrente que surge entre a década de 60 e 70, considera que a raiz da desigualdade de gênero está nos papéis sociais inerentes aos gêneros, ao contrário do Feminismo Liberal dos Estados Unidos que entende o machismo como principal responsável pela criação de leis que reproduzem as desigualdades ou do Feminismo Socialista que entende o capitalismo como a fonte das desigualdades de gênero. Muito recentemente, já na entrada do ano 2010, conforme Ferreira 2015, o “bom feminismo” invade a internet, e o feminismo radical foi retomado por garotas jovens que se autodenominam “radfem”, estas reivindicam a volta de para praticamente um determinismo biológico, que as mulheres que aquelas que se podem autodemoinar mulheres e feministas são apenas aquelas que nasceram com órgãos sexuais femininos, ignorando a perspectiva de gênero, estas recusam a participação dos homens nos movimentos, entendendo que estes são violentos por natureza, ao contrário do Feminismo Interseccional.

O Feminismo interseccional trabalha no sentido de tentar conciliar as demandas das outras minorias que têm se apresentado dentro do feminismo, considerando a classe social, orientação sexual, deficiência física, entre outras especificidades. Esta perspectiva não é nada fácil, visto que segundo Ferreira (2015) a tentativa de agrupar as demandas da minoria é difícil de operar politicamente.

Tendo esclarecido essas questões, é necessário enfatizar que a presente pesquisa é adepta do Feminismo Interseccional e aponta a necessidade de que haja a compreensão de que o Feminismo hoje não é um só, para o fortalecimento desta luta. O que se pretende não é inverter a situação de dominação vigente, mas fortalecer a discussão para o reconhecimento de que categoria homem encontra-se em condição privilegiada na história da humanidade e que há a necessidade de que se tomem iniciativas para a emancipação feminina por meio da libertação da mulher das formas de opressão que tem vivenciado ao longo do tempo.

Ocorre que mesmo com todo esse histórico de vivência da mulher e todas as conquistas feministas, ainda existem aqueles que não têm consciência do significado de feminismo, e por mais absurdo que seja, pessoas que imaginam e defendem que feminismo é o contrário de machismo e isso é extremamente preocupante, pois desperta sentimento de repúdio, a não aceitação se quer do termo feminismo.

Esses pensamentos errôneos são expressos cotidianamente, e a rede social é um desses espaços, onde as mensagens alcançam milhares de pessoa em segundos, depois que se pressiona a tecla “enter”, já não se exerce o controle sobre o que foi dito, e há o constante risco de se disseminarem conclusões equivocadas sobre o movimento feminista,

que estas sejam absorvidas e reproduzidas por aqueles que as acessam. Na presente pesquisa foi possível identificar que as vertentes feministas acabam se misturando na cabeça de algumas pessoas, as quais ao rejeitar uma ideia contida em uma corrente acabam por rejeitar o feminismo como um todo.

Considerando as reflexões acima expressas, e os esclarecimentos discutidos em relação ao feminismo e a desigualdade de gênero, o próximo tópico traz uma análise de discursos que vem se manifestando nas redes sociais que permita identificar a concepção que os jovens das redes sociais vem apresentando sobre o feminismo e os desafios que as feministas encontram ao discutir a temática na rede social Facebook.

III. REDE SOCIAL E DISCUSSÕES SOBRE O FEMINISMO

Dos 4 perfis observados, destacou-se de um deles uma postagem compartilhada, que será abordada, pois permite analisar justamente o que a pesquisa pretende analisar a qual reproduzo abaixo, com a preservação da imagem dos usuários da rede.

Figura I: Esteriótipo Feminista.



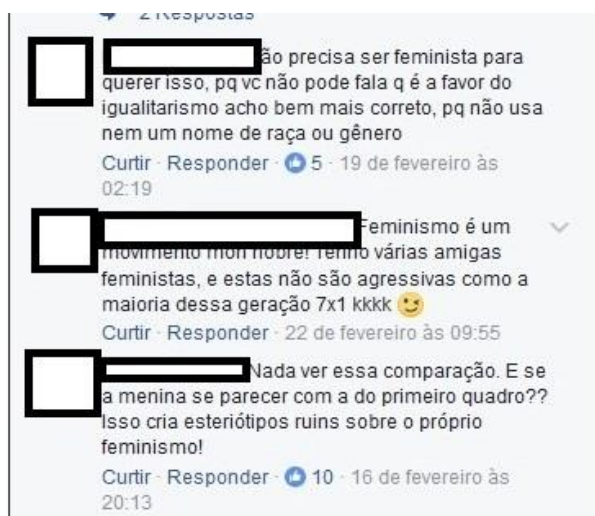
Fonte: Maria Oliveira Gomes, 2017. (Retirada do primeiro perfil analisado).

A imagem acima acaba por reproduzir uma ideia sobre o feminismo, o que segundo a titular do perfil, de acordo com a experiência dela, a maioria das pessoas entendem que a primeira imagem é a que representa o feminismo como um todo, quando na verdade, não, para ela a primeira imagem não representa o feminismo. Conforme foi possível observar nos esclarecimentos discutidos no tópico anterior, o feminismo tem em si várias vertentes e a segunda imagem acaba por indicar que o feminismo como um todo defende que homens e mulheres devem ter as mesmas liberdades, quando no diálogo da figura a segunda personagem conclui após falar de igualdade de direitos, que por isso é Feminista. Desta

forma, uma imagem a primeira imagem acaba por negar a existência da outra, quando a verdade as duas vertentes existem conforme Ferreira (2015).

Continuando, após se discutir a imagem com a dona do perfil que compartilhou, se fez a análise dos comentários feitos em relação a postagem por outros perfis, dos quais destaco três que permitem indicar que ainda há uma carência em relação ao entendimento sobre o feminismo, os quais destaco abaixo e em formato de imagem:

Figura 2: Esterótipo Feminista, Comentários.



Fonte: Maria Oliveira Gomes, 2017. (Retirada do primeiro perfil analisado).

Observe o comentário 1, este se refere ao texto da segunda personagem que aparece na imagem que estamos discutindo. Diz ser a favor do “igualitarismo”, manifesta ser a favor da igualdade de direitos entre homens e mulheres, desta forma concorda com a perspectiva do Feminismo Interseccional que Ferreira(2015) destacou no tópico anterior, porém nega o feminismo pela nomenclatura simplesmente, e por isso recusa a bandeira feminista, mesmo sendo adepto da perspectiva de uma perspectiva que faz partes de grande maioria das vertentes do feminismo, como o Feminismo Interseccional e o Feminismo negro.

Outro ponto a se destacar é que isto acaba por reforçar estereótipos, visto que as roupas rasgadas e a não depilação seriam atribuídas ao feminismo radical e os trajes mais discretos ao feminismo interseccional, o que é algo também negativo, visto que feminismo tem a ver com posicionamento político, com manifestações diferentes em relação a condição homem e mulher na sociedade na história, podem haver feministas radicais se vestindo de qualquer outra forma, por exemplo ou vice versa, o que se dá na mesma perspectiva do comentário três.

O segundo comentário entende o Feminismo como um movimento pertinente, não foi possível identificar a vertente da qual é adepto, mas é possível inferir que este já consegue observar que existem outro grupo (que chama de geração “7x1”) com outras forma de posicionamento político em relação a condição homem mulher na sociedade, que se pode identificar como um avanço que aos poucos vai permitindo esclarecimentos por meio das Redes Sociais.

A partir disso se pode afirmar que a rede social e campo fértil para discussão e construção de conhecimento em relação ao feminismo, de acesso fácil, de propagação de mensagens em tempo real que pode atingir proporções inimagináveis, mas que pelo mesmo fato é perigosa, se as mensagens forem reproduzidas apenas pelo senso comum, sem qualquer suporte teórico.

Por fim, esta também análise permite concluir, que dentro do movimento Feminista o reconhecimento de que existem outras vertentes é necessária, para que haja um esclarecimento das pessoas em relação as mesmas e que o fortalecimento do movimento do qual esta pesquisa é adepta, o feminismo interseccional.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

A as discussões que se colocam contra o bom Feminismo, expressadas diversas vezes quando alguém levanta a bandeira de luta, por exemplo, segundo Beltrão (2015) é reflexo o quanto é difícil para as classes consideradas privilegiadas (homens, brancos, burgueses, cisgênero e heterossexuais) entenderem as causas das minorias justamente por não vivenciarem as violações que estas vivenciam. No caso do feminismo por não terem o conhecimento de que este movimento tem várias vertentes as quais tem matizes, porém em alguns aspectos não se coadunam. Além do fato de que ainda vivemos em uma sociedade extremamente marcada pelas relações de ao decorrer da história, conforme esclarecido no tópico 1, ainda há grande resistência das relações patriarcas diante das emancipação feminina, visto que seus anseios vão de encontro a liberdade da mulher tanto nos espaços públicos quanto privados, na perspectiva de dominá-las, conforme foi colocado a partir do entendimento de Safiotti (2011).

Considerando toda a reflexão e reafirmando a perspectiva feminista levantada pelo presente artigo, isso não quer dizer que todos que fazem parte do grupo citado (homens, brancos, burgueses, cisgênero e heterossexuais) têm aversão ao feminismo ou a grupos diferentes, que isso não os torna violadores simplesmente por não fazerem parte da categoria violada, mas que sim, se encontram em situação privilegiada dentro da sociedade machista, essa é a ideia, não somos inimigos “naturais” a partir da perspectiva do

Feminismo Intersecciona, mas que a opressão existe e deve ser superada, na união de forças por condições iguais de direito e vivência.

A Rede Social, é campo potencial para o fortalecimento do movimento Feminista, porém é necessário estarmos atentos a todas as informações que se acessam, visto que todos ali tem liberdade de expressar por meio de suas publicações, é de extrema importância a procura por fontes mais seguras, e especializadas em nossas áreas de interesse. Há sempre risco de se reproduzir informações equivocadas ao se rejeitar aquilo que se desconhece, assim como ao afirmar aquilo sobre o que não se tem propriedade

Por fim, é importante deixar claro, que esta pesquisa não se encontra acabada, mas se constitui com a perspectiva de fortalecer e ampliar os debates sobre o feminismo, assim como aprofundá-los.

REFERÊNCIAS

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Memória 2003-2006: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres/Presidência da República*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília, 2013.

BELTRÃO, Jane Felipe. **Diversidade Cultural ou conversar a propósito de um Brasil Plural, 2015**. Disponível em:

<http://dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_jane_diversidade_cultural.pdf> Acessado em: 29/03/17.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e Políticas Públicas. Estudos Feministas, Florianópolis, a. 12-1, n. 360, p. 47-71, jan./abr. 2004.

FERREIRA, Carolina. **Qual o seu feminismo? Descubra as principais vertentes**. 2015.

Disponível em: < http://www.huffpostbrasil.com/2015/06/14/feminismo-correntes-feministas_n_6788376.html> acessado em: 30/03/2017.

GUEDES, Maria Eunice F. Gênero o que é isso? Psicologia ciência e profissão, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4- 11, 1995.

TONOZI-REIS, Maria Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2 ed.- Curitiba: IESD Brasil S. A., 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

VIII Jornada
Internacional
Políticas Públicas

22-25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



1917 2017
UM SÉCULO
DE REFORMA
E REVOLUÇÃO